

FRONTEIRA

Rodrigo Alfonso Figueira¹

— Tarcísio Melo Perez.

A vozenfumaçadado homem espalhava-se pela sala e preenchia a extensa coluna de silêncio deixada pelo jovem do outro lado do balcão. À sua frente, não era mais uma fisionomia dura que o observava, e sim, o rosto vivo da mãe. Sentiu o cheiro de sua solidão, que se misturava com o cheiro do campo da infância, na casa costeando a silhueta fria da cidade. Uma mãe em pranto, que era meio gente e meio água. Uma mãe líquida pelo abandono.

— Perez com z no final.

Pego de surpresa, o rapaz respondeu por instinto.

— Como?

— O sobrenome. É com z no final.

Encararam-se. Por estar do lado do balcão de quem demanda, o homem desenhou um sorriso no rosto e o entregou ao jovem, como um documento complementar. Não pareceu ser o bastante, a julgar pela mudez que amarrava os lábios do outro. A iniciativa mais uma vez foi do homem.

— É que todo mundo procura com s.

Orapaz se recompôs, mas era nítido o levetremor na mão que suspendia o documento. Buscava de maneira desorganizada o cadastro, com a voz encarrada ainda ziguezagueando em seus ouvidos e o rosto da mãe estampado na tela do computador. Um rosto que em cada traço denunciava uma ausência.

Repetiu o nome em voz alta.

— Tarcísio Melo Perez.

Desistindo de buscar o cadastro, encarou o homem.

— Natural de onde, seu Tarcísio?

Com a voz rouca a se sobrepôr o tumulto da sala de espera, o homem apunhalava uma sentença:

— Bagé.

O jovem engole em seco. A mão treme ainda mais. Analisa o rosto defronte ao seu como quem observa uma paisagem à distância, reconhecendo nela um lugar que também lhe pertence.

Virando-se para a tela do computador, parecia catar qualquer coisa que não fosse o nome escrito no documento que ainda segurava com a mão trêmula. Não sabia mais se o que procurava era um nome ou os restos da mãe, reunidos novamente em torno de um documento com foto.

— Pode me confirmar seu endereço, seu Tarcísio?

O homem pigarreou, respondendo com o forte hálito de nicotina. Um hálito que cruzou as estradas de quase duas décadas.

— Paulino Azurena cinco sete sete.

— Partenon?

— Isso. Partenon.

Na tela do computador, um cadastro completo, o sobrenome com z no final, um número de telefone,

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS - Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS. Rodrigo Alfonso Figueira nasceu em Bagé (RS) em 1979. Possui graduação em Informática pela Universidade da Região da Campanha (2000), MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (2004), especialização em Literatura Brasileira pela PUCRS (2012) e mestrado em Escrita Criativa pela PUCRS (2016 - Bolsista CAPES). Autor de contos premiados em concursos literários no Brasil e publicados em antologias e revistas literárias. Frequentou as oficinas literárias de Charles Kiefer entre 2004 e 2009. Ministra a oficina literária "Fundamentos da Criação Ficcional" em Porto Alegre. E-mail: rodrigo.figueira@acad.pucrs.br. <http://orcid.org/0000-0002-3400-5358>



número do RG e CPF. Por cima de tudo, quase que cegando a sua visão dos dados complementares daquele homem de hálito duro e traços comuns, a imagem da mãe, curvada e solitária em sua viuvez precoce.

— Trocou de endereço há pouco, seu Tarcísio?

Sem entender, o homem se adianta.

— Não, moro na mesma casa há...

Hesitou. Coçou de leve o queixo e concluiu.

— Dezenove anos.

Tossiu novamente. O jovem voltou ao documento. Fez cálculos rápidos de cabeça, colocou a foto em seu campo de visão, retomou letra por letra nome e sobrenome. Suas mãos agora suavam. Vacilava.

— Casado?

Do rosto enrugado pela nicotina, um sorriso cancheiro nasceu devagar.

— Bem, sabe como é.

Não encontrou contrapartida no outro lado do balcão. Foi como observar um tiro que descobre uma rocha.

Silenciaram. Por um pesado instante instalou-se no jovem uma espécie de cansaço. O cansaço da mãe, com seu corpo abandonado e sua voz arrastada a lhe lembrar o homem de valor, o pai exemplar que se fora. Lembrava e se liquefazia e se encolhia na cama em um gemido manso, que mais parecia um lamento. Mas o lamento de uma despedida definitiva é diferente daquele outro que alimenta uma espera. O lamento pelo grande homem que havia sido. O exemplo de pai. Que morria.

Uma centena de perguntas se alvoroçaram na memória do rapaz, uma listagem que materializava uma sequência de anos amarrados pela morte do pai. Ouvia de novo o pranto da mãe. O seu próprio, pranto de menino perdido. Não olhava mais para os dados computadorizados do cadastro, nem seguia mais o protocolo de perguntas.

— Tem filhos?

O ronco da sala se fez ouvir. Todos os ruídos estavam ampliados. Tudo era enorme. O homem ficou mudo. O rapaz ainda era rocha, sua voz convertida em pura brita.

— Filhos.

Ergueu uma sobrancelha. Via-se possuído pela vitalidade de uma história. Era a forma de exigir uma resposta. Observava com sede os movimentos da boca do homem.

— Não.

Com dentes trincados, o jovem assentiu com a ponta do queixo, sem desgarrar a atenção da fisionomia corroída pelo cigarro, talvez pela bebida, pela jogatina, pela noite, pelos caminhos muito distantes de uma casa com uma família que o esperasse.

E com o rosto da mãe muito vivo, derramando sobre ele as lágrimas dedicadas a um homem, o jovem arrancou de dentro do peito um catarro, cuspidando-o em direção ao corpo surrado que lhe demandava atendimento.

— Também sou Perez.

O rosto do homem se moveu em uma contração de tecidos de conotação indefinida, agora com a atenção fixa na fisionomia do jovem.

— Com z ou com s?

— Com z.

O homem sorriu com alguma descrença, fazendo um uhum gutural, acompanhado de novo pigarro.

— Perez de onde?

Tentando disfarçar sua tensão, o rapaz pensou antes de responder.

— Da fronteira.

— De Bagé?

— Dali da volta.

O homem se deteve com mais atenção no rosto do jovem. Talvez procurasse nos traços duros a mesma semelhança que o rapaz procurava nos seus. Poderia jurar que agora via algumas linhas que espelhavam olhos com olhos, boca com boca, queixo com queixo. A desconcertante e imóvel paisagem da fronteira.

Ambos sucumbiram ao vozerio que vinha da sala. O homem tinha as mãos coladas ao corpo. O rapaz mantinha o documento preso entre os dedos ainda trêmulos. O homem, simpático de início, agora demonstrava algum tremor.

— Quem sabe somos parentes?

O rapaz recebeu a frase embalada pelo hálito quente e azedo, esboçando um retruco.

— Talvez.

Novo silêncio. O homem agora parecia encostado em um marco, prestes a cruzar uma frágil linha demarcatória. Suava. Aproximou a cabeça em direção ao tosto do jovem. Foi a sua vez de cuspir uma sentença.

— Qual é o teu nome?

Nada saiu da boca do jovem. O homem insinuou insistir na pergunta, mas antes que pudesse novamente projetar sua voz poeirenta para fora, foi surpreendido pela mão do jovem a lhe entregar o documento.

— Só esperar na sala ao lado, seu Tarcísio.

O homem recolheu o documento sem desviar a atenção do rosto do jovem, a concentração de quem se penteia em frente ao espelho. Os sons se suspenderam. As vozes eram murmúrios abafados pelos gemidos de uma cidade. Nada mais se encontrava no lugar.

E a atenção do jovem ainda caída sobre a paisagem desenhada a sua frente, uma fronteira imóvel, esquecida, largada no tempo junto ao corpo sofrido da mãe, que alimentava uma esperança e uma espera.

Recebido: 20/12/2018

Aceito: 04/09/2019

Endereço Correspondente: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Av. Ipiranga, Partenon, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 90619-900.